

***IDIOTS SAVANTS:* UM PARADOXO REAL OU ILUSÓRIO?**

(2007)

Edgar Martins Mesquita

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal

E-mail:

edgarmesquita@hotmail.com

RESUMO

O termo *idiot savant* surgiu em 1985 e caracteriza certos indivíduos que não obstante as suas debilidades cognitivas apresentam raras bolsas de brilho na resolução de determinadas tarefas. Esta definição paradoxal vem inscrita num *continuum* de longa data tendo como base a tradição psicométrica e a definição clássica de inteligência tendo como ponto de partida o factor g (factor de inteligência geral). O autismo, como problemática neurológica, social e comportamental parece estar bastante associada a indivíduos com estas características, mas os *idiots savants* surgem também associados a debilidades mentais na ausência de características autistas. Estes indivíduos são capazes da execução de tarefas extremamente complexas com aparente facilidade tais como cálculo de datas em calendários. Contudo permanecem ainda dúvidas acerca dos métodos utilizadas na sua resolução.

Palavras-chave: *Idiots Savants*, Paradoxo, Inteligência, Autismo

INTRODUÇÃO

Down, J. L. (cit. in Sacks 1995, p. 236) foi quem implementou o termo *idiot savant* em 1887. Este é sem dúvida o termo mais utilizado em toda a literatura. Contudo o termo “idiot savant” que está traduzido na literatura para “idiota sábio” não parece muito aceitável, uma vez que podem surgir generalizações abusivas para o termo “idiota”. Ao longo dos anos segundo Howe (1989) outros termos têm surgido, se bem que quase nunca totalmente satisfatórios. Estes são: “talented imbecile”, “parament”, “talented ament” “retarded savant”, “schizophrenic savant”, “autistic savant”. Este autor sugere que de todos aquele que talvez seja menos controverso será o termo “(mentally) retarded savant”, que terá como tradução portuguesa

“deficiente mental sábio”. O termo ideal seria um que reunisse os conceitos de paradoxo mental (capacidades brilhantes em concomitância com atraso mental) num termo apelativo, e que não fosse passível de generalizações abusivas. A dificuldade inerente a esta tarefa leva a que habitualmente se opte pela tradução do termo mais utilizado, que no caso será “idiota sábio”, se bem que o mais correcto seria “deficiente mental sábio”. Qualquer um destes têm por objectivo designar indivíduos que embora apresentem marcados défices a nível mental são capazes da execução de tarefas, de notável complexidade, que parecem envolver uma intensa actividade cognitiva. Indivíduos que apresentem estas características são à primeira vista deficientes mentais incapazes de actividades simples do dia-a-dia, como dobrar roupa ou apertar os sapatos, apresentando muitas vezes a capacidade mental de uma criança (embora isto não seja sempre concordante). No entanto apresentam raras bolsas de brilho no que toca à realização de determinadas tarefas que, sendo tão complexas, poucos conseguiriam levar a cabo.

Este paradoxo é descrito por Howe (1989) de uma forma bastante explícita.

“Leonard’s achievements were impressive. His mastery of the piano was outstanding (...) A number of prominent musicians had remarked on the excellence of his technique. (...) When Leonard listened to music played by others his approach was critical and informed. (...) He also had a large fund of biographical knowledge about many prominent individuals outside the world of music, and he had a knack of remembering the exact time and place of events in the life of his family” (Howe, 1995, p. 1)

“Lionel, in sharp contrast with Leonard, was a total failure. Lionel was a mentally retarded forty-year-old whose behaviour was inadequate and childlike. Sometimes he would dart around with objects balanced on his head, or gesticulate strangely, or kiss anything he happened to notice, or make funny faces, or speak into mirrors, or suddenly begin an odd dance movement. (...) He had only the shallowest relationships with other people (...) Tasks that demanded good reasoning ability totally defeated him, as did intelligence test items designed to assess such skills as coping from memory, arranging objects in their correct positions, finding reasons for everyday events, or demonstrating any of the symbolic or coding abilities that normal people use in everyday life.” (Howe, 1995, p. 2)

Estes dois indivíduos, que aparentemente, não têm qualquer semelhança são uma e a mesma pessoa. Este foi um caso descrito por Anne Anastasi e Raymond Levee (1960, cit. in Howe 1989, p. 3).

Uma primeira questão que surge é a da necessidade de encarar estes dois indivíduos como paradoxais. Se efectivamente se tratassem de duas pessoas diferentes o paradoxo não teria razão de existência. Porque surge então paradoxo? Para responder a esta questão é necessário levantar uma série de outras, entre as quais está o conceito de inteligência. A abordagem psicométrica, com longos anos de tradição, e sustentada nos conceitos de QI, ou factor g de Spearman (cit. in

Howe, 1995, p. 69) assume que existe uma correlação significativa entre as diversas capacidades humanas. É um facto que estas correlações existem, de outra forma os testes de QI já teriam sucumbido ao peso dos anos. No entanto não é totalmente falso que as capacidades medidas pelo QI apenas constituam parte do intelecto humano. Essa parte é a referente às actividades desempenhadas pelos alunos durante sua formação escolar. Por outro lado em relação ao factor *g*, que advoga uma inteligência coordenada através de uma única fonte, é hoje largamente aceite a teoria das múltiplas inteligências propostas por Garner, 1984 (cit. in Howe, 1989, p.88). À luz desta teoria cada pessoa possui um certo número de inteligências independentes entre si. Segundo Garner 1983 (cit. in Howe, 1989) existem várias categorias de inteligência: inteligência linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Mais recentemente Garner distinguiu também uma inteligência naturalista, uma existencial e uma outra espiritual.

Desta forma, de acordo com esta teoria, seria mais fácil explicar o facto de um indivíduo ter um melhor desempenho a música do que a matemática. No entanto um aspecto que fica por explicar é o facto da existência de fortes correlações entre as diversas capacidades do ser humano. Admitindo-se que todas as capacidades são controladas a um nível central como refere Sperman (cit. in Howe, 1995, p. 69) torna-se desnecessário explicar essas correlações. Contudo, ao admitir-se que existem certas capacidades, ou inteligências que têm um forte grau de independência torna-se necessário avançar com uma explicação que ressalve esses resultados. A explicação não tem necessariamente, segundo Howe (1989), de se basear numa factor que controle todos as capacidades (factor *g*), que a ele lhe são subjacentes. Segundo este autor estas correlações podem surgir simplesmente porque cada tarefa pode e exige com certeza, a conjugação de diversas capacidades. Outra das explicações prende-se com o facto de cada indivíduo possuir determinados traços mais ou menos estáveis para cada tarefa, como perseverança, investimento, ansiedade para o sucesso, etc. Deste modo, as correlações podem em parte ser devidas a estes factores.

O paradoxo surge então enraizado numa tradição psicométrica, na qual é “impossível” a manifestação de capacidades totalmente discrepantes por parte de um mesmo indivíduo. Poder-se-á assim explicar pelo menos uma parte da “estranha” existência de discrepâncias nos *idiots savants*. Mas como se explica o facto de um indivíduo profundamente débil a nível cognitivo seja capaz de alcançar a magnitude de determinadas tarefas?

A resposta a esta questão é complexa e engloba uma multiplicidade de factores. Se por um lado pode advogar-se que aspectos como a motivação ou o interesse desempenham um papel primordial na execução de tais tarefas, é por vezes muito difícil assumir isso mesmo. Explicações para este facto serão avançadas posteriormente.

Autismo e *idiots savants*

Segundo Howe (1989) a grande maioria dos *idiots savants* são do sexo masculino e possuem personalidades marcadamente autistas. Estes indivíduos aparentam habitualmente um quase total isolamento em relação ao mundo que os rodeia. Os seus padrões comunicacionais são pobres e manifestam um marcado desinteresse pelos “outros”.

Rutter, 1978 (cit. in Howe 1989, p. 26) refere quatro critérios para que se considere que uma criança manifesta uma perturbação do espectro autista (no presente artigo o autismo será abordado como um todo, uma vez que não é finalidade do mesmo explorar as diversas manifestações das perturbações do espectro autista): início dos primeiros sintomas no período anterior aos trinta meses; desenvolvimento social deficitário; desenvolvimento linguístico lentificado e afectado; comportamentos rígidos e inflexíveis como resistência à mudança ou actividades estereotipadas.

A incidência do autismo e particularmente dos *idiots savants* tem sido alvo de extrema controvérsia ao longo dos anos. Em 1978, Rimland (cit. in Howe, p. 27), através da análise de uma amostra de 5400 crianças autistas concluiu que 500 apresentavam capacidades passíveis de serem enquadradas nas características de um *idiot savant*. Hill 1977 (cit. in Howe, 1989, p. 27) estimou que o número de *idiots savants* seria de 1 para 200 de entre a população de deficientes mentais Howe (1989) refere que o *ratio* autista entre a população de deficientes mentais é habitualmente cifrado em 1 para 2000. Ora como facilmente se verifica, estes dados entram em contradição. Ainda Sacks (1995) refere que os *idiots savants* surgem em 10% da população autista e numa percentagem mais baixa de crianças com atraso mental. Rimland (s/d, cit. in Howe, 1989, p 29) refere que apenas 10% das crianças diagnosticadas com autismo vão de encontro ao rigoroso critério definido por Kanner (cit. in Howe, 1989, p. 28). Destes 10% a grande maioria é descendente de pais de elevado nível intelectual. Assim Rimland (s/d, cit. in Howe, 1989, p 29) conclui que existem nestes indivíduos uma predisposição genética para que se tornem indivíduos extremamente inteligentes.

Contudo à luz destas explicações outras questões se levantam. Quão baixo terá de ser o nível intelectual para se poder considerar que um indivíduo que apresenta capacidades extraordinárias seja considerado um idiota sábio? E quão alto terá de ser o seu desempenho na(s) tarefa(s) em questão?

Terá o paradoxo anteriormente referido a possibilidade de ser enquadrado em critérios rigorosos? Mesmo que essa possibilidade existisse, segundo Howe (1989) qual seria o critério de comparação entre indivíduos que possuíssem capacidades distintas, a nível musical e de cálculo por exemplo. São questões que estão ainda por responder.

Serão os feitos destes indivíduos assim tão assombrosos?

Calendar Calculating

Segundo Howe (1989) a maioria das tarefas desempenhadas pelos *idiots savants* são facilmente executáveis por qualquer pessoa. Não é contudo o caso do “cálculo de calendários”. Esta tarefa consiste na associação de datas a dias da semana. A partir daqui podem surgir muitas variações de questões, como “Que dia da semana foi 5 de Maio de 1786” ou “Entre 1700 e 1900 quantas vezes o dia 3 de Abril corresponde a terça-feira”, e por aí em diante.

Uma das características que é algo comum à grande maioria dos *idiots savants* é o facto de serem exímios “calculadores” (este termo não implica que qualquer cálculo aritmético tenha de ser efectuado, apesar de muitas vezes parecer que o é) de calendários. “Que dia da semana foi 15 de Abril de 1981” é uma questão que suscita pouco desafio para um calculador experiente. Segundo Howe & Smith (1988) indivíduos que possuem esta habilidade são capazes da resolução de problemas deste género em não mais do que um minuto e muitas vezes em bastante menos. Como se poderá então explicar esta capacidade fantástica, visto que quem a realiza tem frequentemente inúmeras incapacidades mentais? Não restará qualquer dúvida que para atingir a magnitude de tais tarefas é necessária uma enorme capacidade de memorização. Isso será convenientemente explorado nas próximas páginas. Mas para já importa esclarecer o leitor de algumas técnicas que têm sido descritas como prováveis de serem utilizadas na realização destas tarefas. Roberts 1945, (cit. in Howe & Smith 1988) refere a possibilidade do auxílio da imagística visual na resolução de problemas deste género. Contudo esta hipótese parece ser contrariada por alguns estudos que apontam noutro sentido. Em 1965, Rubin e Monaghan (cit. in Howe 1989) reportaram um caso de uma hábil calculadora que era totalmente cega desde a infância. Apesar de segundo Howe (1989) as capacidades desta jovem não se compararem a alguns dos mais notáveis calculadores, esta constitui sem dúvida uma prova para que, aparentemente, se possa invalidar a hipótese proposta por Roberts (1945). Contudo as capacidades desta jovem não iam além de um intervalo relativamente pequeno (e.g. 1900-2000), ao passo que alguns dos mais brilhantes calculadores incluem no seu repertório intervalos de milhares de anos. Num caso descrito por Oliver Sacks (1985), dois gémeos que possuíam espantosas habilidades para cálculo de calendários diferenciavam-se porque, um deles apenas tinha um alcance correspondente ao intervalo de um século, ao passo que o outro alcançava datas muito aquém e além do mesmo. (este caso foi pela primeira vez descrito por Horwitz et al., cit. in Herman & Spitz 1993). Sendo assim, segundo Howe (1989), não será completamente de excluir a possibilidade, de que de alguma forma, a imagística visual exerça um papel importante na execução de tais tarefas. Para além desta, que outras formas serão usadas pelos *idiots savants* para alcançarem mestria no “cálculo de calendários”? Segundo Stewart 1975 (cit. in Sacks 1995, p. 254) a facilidade que alguns indivíduos apresentam em determinar os dias da semana em intervalos de oitenta mil anos indica a possibilidade da utilização de um algoritmo bastante

simples. O primeiro passo é dividir por sete o número de dias correspondente à diferença entre a data actual e a pretendida. Se da operação não resultar “resto” a data pretendida “cai” no “dia presente” mais de um dia. E assim por diante.

Sem dúvida que alguns dos melhores métodos para levar a cabo tal função estão descritos e documentados na literatura de diversas publicações sobre o assunto, mas segundo Howe (1989) seria quase impossível para um idiota sábio compreender estas complexas descrições. Um olhar rápido pelas regras básicas do calendário ocidental permite tirar algumas conclusões simples. Todos os anos possuem 365 dias com excepção do quarto, uma vez que o número de dias por ano é qualquer coisa como 365.25 dias. Desta forma ao quarto ano é feito o “acerto” e esse ano conta com 366 dias. Sabe-se que, dado um qualquer dia do ano, e com excepção dos anos bissextos que obrigam à reformulação da regra, esse dia por exemplo, terça, será Quarta no próximo ano e foi segunda no ano anterior. Todas as semanas se movimentam em ciclos de 7 dias, o que facilita bastante qualquer operação mental. Todos os meses têm sempre o mesmo número de dias com excepção de Fevereiro, devido ao anteriormente referido. Sabe-se segundo Howe (1989) que os calendários se repetem a cada 28 anos. Estas são informações bastante simples, que conjugadas com um treino intensivo podem resultar numa habilidade espantosa. Mas como terá um indivíduo com as características de um idiota sábio a capacidade de aprender estas regras? Quais serão as hipóteses de se poder falar em abstracção das regras pelos próprios? Estas questões procurarão ser respondidas nas próximas páginas.

Números primos: Um caso intrigante

Sacks (1985) refere que o seu primeiro contacto com os gémeos acima referidos ocorreu já depois de eles serem sobejamente conhecidos. Estes tinham 26 anos e a grande maioria dos relatórios concluíra que eram *idiots savants*. Como foi em cima descrito estes indivíduos, principalmente um deles, eram incríveis calculadores de calendários. No entanto eles possuíam outra habilidade ainda mais intrigante. Sacks (1985) relata que numa ocasião os gémeos estavam sentados tendo uma conversa à primeira vista imperceptível, uma espécie de jogo mental em que um deles dizia um número e o outro respondia com um diferente. Sacks (1985) relata que após ter descoberto que eles faziam parte da tabela de números primos (divisíveis apenas por 1 por eles próprios) envolveu-se no jogo com os gémeos, acrescentando números até dez dígitos. Ainda assim um dos gémeos conseguiu avançar com um número de doze dígitos. Passado pouco tempo já trocavam números de vinte dígitos que Sacks (1985) diz pensar serem primos, uma vez que não existia forma de o comprovar. Num desses encontros Sacks (1985) conta que uma caixa de fósforos caiu e espalhou o seu conteúdo, ao que os gémeos prontamente disseram em uníssono “111”. Ao contar os fósforos Sacks (1985) verificou que eram efectivamente 111, pelo que se tornou inevitável a pergunta de como os tinham contado tão depressa. Os gémeos simplesmente reponderaram que não os tinham contado, mas sim “visto”. Sacks (1985) verificou contudo que

antes de terem dito “111” tinham murmurado o número “37” três vezes, pelo que perguntou a que se devia esse facto. Os gémeos simplesmente responderam “37, 37, 37, 111”.

“Nonretarded individuals with exceptional skills cannot explain how they do it: “With extensive practice a skill is automatized, and the subject then relies on automatic retrieval of relevant knowledge and useful shortcut” (Ericsson e Faivre, 1988, cit. in Spitz 1993, p. 240)

“For identifying larger numbers, the savant would have to be quite skilled in visually arranging and recognizing numbers. Dantzig (1930) called this ability to recognize the number of a group of objects on sight without counting or making use of symmetrical dispositions: “visual sense for numbers.” He claimed that this sense in humans rarely exceeds the number 4. Sacks (1995) reported how both Dase and the twins could recognize large numbers on sight. Dase would say immediately “183” or “79” when seeing beans being poured out of a bag. The twins recognized not only “111” when a box of matches fell on the floor, but also that they were made up of 3 groups of 37. A counting procedure, even in combination with eidetic memory, could not account for the speed with which the answers were given. These two remarkable instances show that some enlarged visual sense for numbers exists in at least some of these savants.” (Welling, 1994, p. 205)

“This remarkable change in outcome seems consistent with evidence in normals that enumerating a few (≤ 4) visual elements may exploit special subitizing mechanisms (Dehaene & Cohen, 1994; Mandler & Shebo, 1982), which allow individual elements to be processed together preattentively as a single numerable group (Trick & Pylshyn, 1993), rather than each being attended in a serial manner, as for the counting of larger sets.” (Driver & Vuilleumier 2001, p.51)

Este processo denominado de *subitizing* refere-se à surpreendente capacidade que o ser humano parece ter em “contar” conjuntos de objectos desde que o seu valor não exceda o valor de 4. Isto parece ter influência na economia de esforço dos mecanismos atencionais, funcionando como um mecanismo pré-atencional inconsciente.

De acordo com Stewart 1975 (cit. in Sacks 1985, p. 254) a “aritmética do calendário” requer o uso do número primo “sete”. Se este facto ajuda os gémeos no cálculo de calendários pode ser também possível que o uso de outros números primos, tal como o “trinta e sete” possam ajudar na visualização de “padrões primos”, tendo estes um significado especial para os gémeos.

Uma questão de memorização ou motivação?

Serão as capacidades mnésicas de um idiota sábio semelhantes às de um indivíduo normal. Apesar de à primeira vista parecer que sim, devido à “qualidade” dos seus feitos, este dado não é

irrefutável. Segundo Howe (1989) testes de QI demonstram que as suas capacidades, em comparação com as das outras pessoas, não são nada brilhantes, chegando mesmo a ser inferiores. Contudo alguns casos parecem apontar para a real existência de uma super-memória. Cain 1969 (cit. in Howe 1989 p. 44) relata o caso de uma criança de seis anos e meio que reproduzia com exactidão longas conversas ouvidas em programas de rádio, ouvidos dias antes. Howe (1989, p.44) relata também o caso de uma criança, a quem à idade de 7 anos foram lidas as primeiras três páginas de uma lista telefónica. “*her father read the firsts three pages of the Greater Boston Telephone Directory to her and for several years she could give any number of these pages on request*” (Viscott 1985, cit. in Howe 1989). Apesar destes dois casos serem bastante diferentes dos demais, segundo Howe (1989) a grande maioria dos *idiots savants* não possui capacidades mnésicas diferentes dos demais indivíduos. Ainda segundo este autor, sempre que foi testada a capacidade mnésica destes sujeitos, sob condições experimentais rigorosas, os padrões de memorização dos mesmos não foram além dos demais sujeitos. Memorização rigorosa de grandes quantidades de informação só ocorre quando é dada a estes sujeitos a oportunidade de estudarem convenientemente o material a evocar. Mas como será que indivíduos com profundo atraso mental são capazes da memorização de enormes quantidades de informação? Segundo Howe (1989) há uma tendência do senso comum para assumir que a memorização está intimamente ligada a uma intenção para memorizar. Essa intenção estará com certeza associada a factores motivacionais que determinam a relevância que este ou aquele conteúdo representa para cada indivíduo. Contudo isso não explica o facto dos *idiots savants* terem a capacidade de desempenhar uma série de tarefas complexas que envolve qualquer actividade de estudo. Mas então como o conseguem? Será a intenção um mero artefacto? A resposta a esta questão é Segundo Howe (1989) sim. O que é verdadeiramente essencial para que a memorização ocorra é a existência da disponibilidade necessária para se prestar atenção ininterruptamente a um qualquer conteúdo. O facto dos notáveis feitos dos *idiots savants* serem produto de uma super atenção e concentração pode parecer estranho, uma vez que para a grande maioria das pessoas decorar datas de calendários, ou páginas de listas telefónicas não parecem com certeza actividades interessantes. Contudo a realidade é que pelo facto de despenderem a maior parte do seu tempo ensimesmados em qualquer uma das tarefas já mencionadas conseguem obter desempenhos brilhantes nas mesmas. Fica contudo no entanto uma questão por responder: O que motiva os *idiots savants* para tais tarefas. Pode dizer-se que o principal motivo é o seu interesse. Assim como os demais indivíduos se dedicam a tarefas que para eles lhes suscitam interesse, também de acordo com Howe (1989) os *idiots savants* agem consoante os seus interesses. Segundo Ericsson and Faivre, 1988 (cit. in Herman & Spitz 1993) é a motivação necessária para manter a concentração durante longos períodos de tempo, o factor mais importante para explicar os desempenhos dos *idiots savants* em determinadas tarefas. Uma questão que permanece em aberto é o facto de muitos deles se tornarem exímios calculadores de calendários, sendo que não existe motivo, pelo menos descrito na literatura para tal confluência. Um outro factor que segundo Howe (1989) parece ser importante é o facto dos *idiots savants*

concentrarem grande parte da sua atenção e tempo nestas tarefas para evitarem situações de desconforto. Estas tarefas providenciam não só a fuga desejada como muitas vezes a aprovação dos demais, facto que em muito parece agradar a estes indivíduos (isto apesar de na sua grande maioria apresentarem características marcadamente autistas). “Paradoxically, although many retarded savants dislike activities that involve interacting with other people, savants often seem to enjoy the approval and the praise which their special skills brings them” (Howe 1989, p. 57)

Uma questão artística

A tentativa de encontrar explicações plausíveis para capacidades extraordinárias nos *savants* pode e é com certeza bem sucedida em algumas capacidades como as acima descritas. A motivação, o enorme grau de concentração (conta-se que Einstein, que como se sabe nunca demonstrou uma grande capacidade intelectual no liceu, exibia a capacidade de se superconcentrar em qualquer tema pelo qual se interessasse) podem influenciar decisivamente o desempenho em certas tarefas como a memorização, cálculo de calendários outro tipo de tarefas baseadas no esforço. Mas o que acontecerá com capacidades que se dizem artísticas como pintar ou desenhar?

Sacks (1985) descreve o caso de José, o “artista autista”. José tinha 21 anos e era por todos considerado deficiente mental. No entanto era capaz de desenhar não só com exactidão qualquer objecto que lho fosse apresentado, como era capaz de acrescentar alguns pormenores relativos a estes, mostrando claramente compreensão semântica acerca dos mesmos.

“Todos os idiots savants, todas as capacidades e exhibições autistas, como conclui com base na literatura disponível, são aparentemente baseados em cálculos e memória, nunca em nada de imaginativo ou pessoal. Se essas crianças eram capazes de desenhar – uma ocorrência considerada muito rara – os seus desenhos eram supostamente mecânicos. Ilhas isoladas de capacidades e competências relâmpago, é assim que a literatura as considera. Nunca se admite que haja uma personalidade individual e muito menos criativa.” (Sacks 1985 p. 265)

Um dos exemplos mais citados na literatura é o caso de Nadia, descrito por Lorna Selfe em 1977 (cit. in Howe 1989, p. 138). Nadia era autista e não respondia a qualquer tentativa de aproximação social por parte das pessoas. No entanto conseguia ser suficientemente cooperativa para compreender algumas instruções simples. Os seus desenhos eram tão reais e surpreendentes que os psicólogos encarregues de a examinar quase se recusaram a acreditar que pudessem ter sido realizados por uma criança de seis anos. A ideia que habitualmente se tem do desenho de uma criança de seis anos corresponde a um tipo esquemático, rígido, e estereotipado, contendo habitualmente muitos erros, como omissões, “partes mal colocadas”, desproporções, etc. No entanto não era o que se passava com Nadia.

“Her drawings...were marked by inventiveness and experimentation...The techniques of perspective, foreshortening and the use of space were present from the age of three and-a-half to four years although perspective usually only develops in early adolescence. It is, in fact, often absent in the drawings of primitives and is regarded as one of the marks of sophistication of mature drawing “(Selfe 1977, cit. in Howe 1989, p.142)

Hipotetizou-se que pelo facto de Nadia não conseguir apreender a essência do desenho, ou o seu significado, isso poderia constituir uma certa vantagem para a construção do mesmo.

“It is ironic that many artist have claimed that one of the ultimate aims of art is to draw an object as it is perceived, uncontaminated by language or intellect...Nadia, with her extreme impoverishment on both the language and intellectual side drew what she perceived. Like the camera, she recorded a footballer with a massive foot because this was extended towards the viewer – no allowance (and reduction) was made for what she knew about the of the human foot in the relation to the human body “(Selfe, 1997, cit. in Howe 1989, p. 144).

É então necessário ter em linha de conta que a capacidade de Nadia estava intimamente ligada às suas deficiências. O que não deixa de ser surpreendente é o facto de tal capacidade poder florescer em indivíduos com défices pronunciados em áreas cruciais do desenvolvimento como linguagem, raciocínio abstracto ou mesmo competências sociais (se bem que uma das hipóteses levantadas se baseie precisamente no ensimesmamento para explicar tais feitos).

Uma hipótese muito interessante lançada quase implicitamente por Sacks (1995) é a de que talvez exista uma forma “autista” de percepção e de arte, pois ao analisar dois indivíduos de características similares (José, acima referido) e Stephen encontrou muitas semelhanças entre ambos. Segundo Sacks (1995) Sephan, tal como José não manifestava interesse pelo uso da linguagem; as outras pessoas serviam apenas como meio para satisfação de necessidades imediatas; não tolerava a mudança de rotinas ou ambientes; não brincava, nem fazia ideia do significado desse conceito. Contudo Stephan tinha uma notável capacidade para desenhar edifícios. Esta notável capacidade de absorção de um particular interesse em detrimento de tantos outros permanece para já um mistério. Contudo “este tipo de fixação é extremamente comum em indivíduos autistas. Jessy Park, uma artista autista, sente-se obcecada por anomalias climatéricas e constelações no céu nocturno; Shyoichiro Yamamura, um artista autista japonês, desenhava quase exclusivamente insectos; e Jonny, um rapaz autista descrito pela psicóloga pioneira Mira Rothenberg, durante algum tempo desenhou apenas lâmpadas eléctricas.” (Sacks 1995, p. 243).

Até agora foram apenas descritas situações em que é evidente um a prevalência das capacidades artísticas de desenho. Contudo existe uma outra que para além de surpreendente está também amplamente documentada em termos de literatura: A capacidade musical.

“O negro cedo Tom tem vindo a actuar nesta cidade, sempre com casa cheia. Ele é um prodígio, disso não restam dúvidas...À primeira vista, assemelha-se a um qualquer rapaz negro de 13 anos, e é completamente cego e um idiota em tudo excepto no que diz respeito à música, à linguagem, à imitação, e talvez ao uso da memória. Nunca teve educação musical, nem qualquer outro tipo de instrução. Aprendeu a tocar piano vendo as outras pessoas a fazê-lo, aprende canções e melodias de ouvido, e consegue tocar qualquer peça à primeira tentativa, rivalizando com o executante mais talentoso. Uma das suas proezas mais notáveis foi a execução de três peças musicais em simultâneo.” (Sacks, 1995, p. 231).

Note-se que este indivíduo nunca teve qualquer contacto aprofundado com a música. A determinado ponto esta incrível capacidade simplesmente disparou. A acrescentar a este caso pode referir-se um outro, o de Harriet, se bem que este apresente contornos algo diferentes. Segundo Howe (1989) a mãe de Harriet era hiper protectora para com ela devido a um episódio ocorrido com a sua filha mais velha em que esta quase perdeu a vida. Harriet passava a maior parte do seu tempo com a sua mãe numa sala onde esta dava aulas de música. Devido a esta hiper-protecção, os irmãos de Harriet sentiam alguns ciúmes o que contribuiu ainda mais para o seu isolamento dos mesmos. A fraca estimulação a que era exposta (passava o dia com a mãe enquanto esta dava aulas de música) aliada ao facto de ser hiper-protegida “contribuiu” para que Harriet desenvolvesse uma personalidade algo autista. Em contraste as suas aptidões musicais eram notáveis. Para além de ter aquilo que os músicos consideram “ouvido absoluto” (refere-se ao reconhecimento imediato do tom de qualquer nota musical) para qualquer som conseguia distinguir e nomear cada nota de um conjunto de duas quando tocados aleatória e simultaneamente. Era também capaz de improvisar parecendo demonstrar um profundo conhecimento acerca de regras de harmonização e outras. Este caso é contrastante não só com o descrito anteriormente (Tom) como também com o primeiro caso descrito (Lionel/Leonard). Se em termos de performance podem ser apontadas algumas semelhanças, no que toca à história desenvolvimental existem notórias diferenças. Se no caso de Harriet existem algumas razões plausíveis para o despoletar da sua personalidade autista, bem como das suas intensas capacidades musicais, nos outros dois, não existe nenhum indício que fizesse prever o surgimento dessas capacidades. Assim, e tal como em muitos outros casos, nunca se pode considerar que pelo facto de dois indivíduos evidenciarem semelhanças em certas capacidades, isso esteja directamente relacionado com formas similares de aquisição dessas capacidades, bem como modos de funcionamento das mesmas.

CONCLUSÃO

Segundo Sacks (1995) o autismo é uma doença que sempre existiu, tendo afectado indivíduos ao longo de todas as gerações.

Em 1940 esta doença foi caracterizada por Kanner (cit. in Sacks, 1995, p. 233) e Asperger (cit. in Saks 1995, p. 233) em momentos quase idênticos. Ambos os autores salientavam a “solidão”, o isolamento mental, como característica fundamental do autismo. A relação do autismo com os *idiots savants* é profunda, não só pelas questões de incidência já referidas como pelas características que os indivíduos que possuem estas capacidades apresentam. Os talentos e notáveis capacidades a que este artigo faz referência emergem na sua grande maioria em indivíduos de personalidades marcadamente autistas. A abordagem que este artigo de revisão segue é baseada numa certa “descrença” da existência de capacidades que sejam realmente notáveis, sem que para as quais exista explicação aparente

“Em certos aspectos, os talentos dos idiotas sábios fazem lembrar máquinas artificiais, previamente afinadas, e prontas a disparar. É assim que Gardner se lhes refere: «Consideremos que a mente humana consiste numa série de aparelhos de computação...e que diferimos uns dos outros em grande medida no período de tempo ao fim do qual cada um deste aparelhos está programado para disparar». Os talentos dos idiotas sábios, para além disso, têm um carácter mais autónomo, automático até, do que os talentos normais...Os talentos dos idiotas sábios não parecem relacionar-se, como sucede no caso dos talentos normais, com o resto da pessoa. Tudo isto sugere claramente um mecanismo neural diferente do que subjaz aos talentos normais. Pode ser que os idiotas sábios possuam no cérebro um sistema altamente especializado e imensamente desenvolvido, um neuromódulo, e que este esteja ligado em determinadas alturas – quando o estímulo certo (musical visual, ou qualquer outro) incide sobre esse sistema no momento certo – começando de imediato a operar na sua máxima potência.” Sacks (1995, p. 273).

REFERÊNCIAS

Driver, J., & Vuilleumier, P. (2001). Perceptual awareness and its loss in unilateral neglect and extinction. In S. Dehaene (Ed.), *The cognitive neuroscience of consciousness* (pp. 39-88). Cambridge, Ma: MIT Press.

Howe, M. J. e Smith, J. (1988). Calendar Calculating in “idiots savants”: How do they do it?. *British Journal of Psychology*, 79, 371-386.

Howe, M. (1989). *Fragments of Genius: The Strange Feats of Idiots Savants*. Routledge: London.

Sacks, O. (1995). *Um Antropólogo em Marte*. (Trad. por Paulo Faria). Relógio d’água: Lisboa.

Sacks, O. (1985). *O homem que confundiu a mulher com um chapéu*. Relógio d’água: Lisboa.

Spitz, H. (1993). The Role of the Unconscious in Thinking and Problem Solving. *Educational Psychology*, 13, 229-245.

Welling, H. (1994). Prime Number Identification in Idiots Savants: Can They Calculate Them? *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 24, 199-207.